

Hector Benoit: um estranho no ninho do marxismo

JADIR ANTUNES*

O marxismo brasileiro perdeu, em 5 de dezembro de 2022, um dos mais enigmáticos de seus militantes: Hector Benoit, professor de Filosofia da Unicamp e antigo integrante do Comitê Editorial da *Crítica Marxista*. A convite da revista produzimos nestas poucas páginas uma rápida apresentação de seu pensamento.

Hector Benoit ingressou, nos anos 1970, na Faculdade de Filosofia da USP, onde, para fugir da censura ao estudo do marxismo, iniciou seu estudo sobre os diálogos de Platão. O estudo desses diálogos marcou profundamente a concepção de Benoit acerca da dialética.

Neste estudo, desenvolvido ao longo de quatro décadas, Benoit demonstra a diferença radical entre Sócrates e Platão e a influência nefasta de Aristóteles e Proclus, especialmente, na interpretação dos diálogos e na formação de um platonismo místico e dogmático ao longo da história.

Sobre o pensamento marxista de Hector Benoit, podemos afirmar que se desenvolveu em direta oposição aos caminhos perseguidos pela tradição marxista dominante, que vincula Marx a Aristóteles e Hegel, tomando-os como seus grandes mestres, e a Engels como o grande intérprete e continuador de Marx.

Segundo Benoit, o grande mestre inspirador de Marx, o Marx de *O capital*, especialmente, teria sido Platão e sua dialética. O seu grande continuador, ao lado de Lênin, teria sido Trotsky, quem mais radicalmente compreendia o caráter dialético e revolucionário do pensamento de Marx.

A vinculação de Marx a Aristóteles e Hegel, segundo a tradição, se deve a dois motivos principais. A Aristóteles, e não a Sócrates e Platão, porque estes,

* Professor do PPG de Filosofia da Unioeste PR. E-mail: jadir.antunes@yahoo.com.br

além de serem idealistas ao atribuírem às ideias um papel demiúrgico que não lhes caberia na realidade, são ainda metafísicos, ao separarem as ideias das coisas às quais elas se referem.

Aristóteles, segundo a tradição dominante, além de não ser idealista nem metafísico, acreditava na inseparabilidade entre ideias e coisas, forma e matéria, alma e corpo. Assim, por ser realista, quase um materialista, seria Aristóteles o grande mestre intelectual de Marx, o qual chega a citá-lo em *O capital* como o grande sábio da Antiguidade na questão do dinheiro.

Hegel, como sabemos, foi um gigante do pensamento alemão que reabilitou a dialética platônica e revalorizou o pensamento filosófico grego; combateu o empirismo, o racionalismo, o mecanicismo, o contratualismo e o liberalismo.

À tradição marxista aristotélica e hegeliana, porém, Benoit lhes fazia lembrar que, antes de tudo, Aristóteles era um lógico aferrado ao princípio de não contradição que não admitia o ingresso da contradição no universo do pensamento. O movimento próprio do pensamento, e mesmo da realidade que habita fora dele, era uma *kynesis*, uma mera passagem, sem contradição, da potência ao ato. De um ato que, na verdade, era anterior ontologicamente à potência e de uma *kynesis* que era mero desenvolvimento de um *telos* e de uma essência que já estavam ali, desde o começo, predeterminados a ser o que eram.

Hegel, do mesmo modo que Aristóteles, acolhia a contradição no interior da *kynesis*, porém, somente como momento através do qual o Espírito se revelava em seu determinismo perfeito, em seu *telos* e em sua atualidade: sem oposição, sem contradição, puro e perfeito. A dialética renascida com Hegel era uma dialética hipostasiada marcada pela herança neoplatônica romana e pela mística procliana do eterno retorno de tudo à unidade indivisível do Um.

As críticas de Benoit a Engels como o mais fiel intérprete de Marx se dirigiram especialmente ao modo como Engels interpretava o problema da dialética, não como modo de exposição da verdade na forma do discurso, mas como leis da realidade, inclusive da natureza, e o problema do começo da exposição em *O capital* e do significado de sua primeira seção.

Segundo Engels, a primeira seção do livro primeiro de *O capital* descreveria um suposto modo de produção mercantil simples historicamente anterior ao capitalismo onde teria vigorado a lei do valor. A compreensão historicista de Engels, segundo Benoit, teria aberto caminho para uma interpretação não dialética de *O capital*, ao não se perceber o caráter abstrato e provisório daquela seção e sua continuidade e negação dialética ao longo de todo o primeiro livro – e demais.

Em segundo lugar, Benoit criticava Engels por ter universalizado o conceito marxista de história e de ter suprimido de seu *A origem da família da propriedade privada e do Estado* o conceito de modo de produção asiático. Em *A origem da família*, Engels elaborara um sistema linear, progressivo e fatalista da história que, partindo do comunismo primitivo, passava pela escravidão, pelo feudalismo, pelo capitalismo e pelo socialismo, culminando no comunismo, excluindo o modo

de produção asiático, modo estatal burocrático intermediário entre a comunidade primitiva e a escravidão. Tal exclusão e linearidade, segundo Benoit, seria usada mais tarde pelo stalinismo para apagar o passado semiasiático russo e sua relativa continuidade pelo regime burocrático de Stálin.

Ambos os erros de Engels, sobre *O capital* e sobre a teoria da história, teriam proporcionado, ainda que sem a intenção de Engels, uma tradição marxista positivista, historicista, não filosófica e não dialética.

Certamente, a maior contribuição de Hector Benoit ao estudo do pensamento de Marx foi aquela que desenvolveu em seu artigo “Sobre a crítica (dialética) de *O capital*”, publicado na *Crítica Marxista* em 1996. Nesse artigo, Benoit, já profundamente influenciado pelo estudo dos diálogos platônicos, demonstra a lógica programática, dialética e revolucionária de *O capital*.

Segundo Benoit, a dialética de *O capital* deve ser compreendida como uma *Darstellungsweise*, um modo de apresentação do discurso que ordena sua exposição segundo o critério da busca pela *arkhé*, da busca pelo fundamento da realidade que se mostra inicialmente encoberto pela compra e venda de mercadorias por homens livres sem qualquer uso da violência. Assim começaria, ideologicamente, a primeira seção de *O capital* e sua esfera da circulação simples de mercadorias.

Como, porém, esta esfera se choca com a pretensão do proprietário de dinheiro de fazer dele mais dinheiro, a exposição avança para a esfera da compra e venda da força de trabalho, em que os ideais de liberdade e autonomia desaparecem e dão lugar à compra e venda de vidas humanas por dinheiro.

Ingressados em seguida no interior da fábrica a partir da terceira seção, surgem o despotismo de fábrica, a hierarquização das relações entre trabalhador e capitalista, a mais-valia, a divisão do trabalho, o sistema de máquinas, a jornada de trabalho e, enfim, a luta entre capital e trabalho.

Na seção sétima, enfim, como resultado dialético da exposição, surgem a negação total das abstrações conceituais e a luta de classes em sua forma mais radical, surgem a luta pelo poder e a consciência revolucionária da classe trabalhadora.

Se na primeira seção o trabalhador aparecia como sujeito não consciente da realidade, se nas seções seguintes surgem uma consciência e uma prática de natureza ainda sindical, no final da exposição surge a *arkhé* da realidade, a violência da luta de classes e a consciência revolucionária do trabalhador que luta contra esta violência. A exposição dialética de *O capital* se encerra, então, segundo Benoit, com a expropriação socialista dos expropriadores, a negação da negação e a tomada revolucionária do poder.

Segundo Benoit, o abandono do *Programa de Transição* pelo trotskismo e a elaboração de novos modelos para a revolução teriam suas origens na incompreensão da dialética do *Programa* e das escalas móveis e na ignorância da relação deste *Programa* com o programa contido em *O capital* já descoberto por Trotsky.

Foi um marxismo assim, vivo, dialético, autocrítico, militante e revolucionário que Hector Benoit produziu e nos legou. Que sejamos capazes de interpretá-lo teórica e praticamente!

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Democracia, dominação, emancipação

Luis F. Miguel e Gabriel E. Vitullo

Poulantzas no Brasil

Tatiana Berringer

Engels 200 anos

João Quartim de Moraes e Pedro Leão da Costa Neto

DOSSIÊ "José Carlos Mariátegui"

Deni Alfaro Rubbo, Leandro Galastri, Aníbal Quijano,
Michael Löwy, André Kaysel, Luiz Bernardo Pericás

Entrevista: Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya

Giovanna Marcelino e Bruna Della Torre

51